

---

PROCEDIMENTOS DESCRITIVOS NA CRIAÇÃO DE IMAGENS: ALGUNS ASPECTOS  
AVALIATIVOS\*

---

ÂNGELA PAIVA DIONÍSIO\*\*

---

RESUMO

Este artigo analisa a construção de imagens em seqüências descritivas produzidas em interações face-a-face por falantes analfabetos. Tomando por base o conceito de *imagem* apresentado por Palmer (1996) e o de *seqüências descritivas* proposto por Adam (1993), investiga-se como as construções lingüísticas evocam imagens mentais e como os falantes traduzem a construção de tais imagens em escolhas lexicais.

PALAVRAS-CHAVE: Procedimentos descritivos, escolha lexical, lingüística.

1. INTRODUÇÃO

Ao falarmos, não nos utilizamos apenas de uma diversidade de linguagens, mas colocamos em conexão *indivíduos, linguagens, cultura e sociedade*. A cultura, a história pessoal do indivíduo e a sociedade na qual está inserido estruturam as imagens produzidas pelos interlocutores. Pensar como as imagens regem as construções gramaticais, como as palavras evocam imagens mentais, como os olhos da nossa mente concebem as imagens captadas pela audição, como traduzimos mentalmente as imagens percebidas pelos nossos olhos ou, ainda, como

---

\* Este artigo retoma, com algumas modificações, um dos capítulos da tese *Imagens na oralidade*, defendida em abril de 1998, sob a orientação da Profa. Dra. Judith C. Hoffnagel.

\*\* Doutora em Lingüística pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Assistente do Departamento de Letras da UFPE.

as emoções geram imagens no processo de interação face-a-face, parece ser do interesse do lingüista que deseja estudar os enunciados lingüísticos em relação às suas condições de produção. As construções lingüísticas, portanto, evocam imagens e provocam a construção de novas imagens no processamento do discurso oral. Afirmar que a descrição cria uma imagem do ser descrito seria constatar o óbvio, no entanto, dedicarei este trabalho ao processamento das imagens nas ações descritivas, procurando destacar como a seqüência descritiva favorece a elaboração de imagens em interações face-a-face. As imagens são definidas, neste trabalho, como

representações mentais que começam como análogos conceituais da experiência perceptual imediata oriunda dos órgãos sensoriais periféricos. Como as imagens são análogos da experiência periférica, elas também são, portanto, análogos conceituais indiretos do ambiente, amplamente construído para incluir sociedade, fenômenos naturais, nossos próprios corpos e seus processos orgânicos (e mentais), e todo o resto do que é freqüentemente chamado de *realidade* ou *o mundo lá fora*. (PALMER, 1996, p. 47)

“Mas o que exatamente a linguagem tem a ver com imagens?”, pergunta Palmer (1996, p. 3-8). O próprio autor fornece subsídios para a resposta: (i) “linguagem é um jogo de símbolos verbais que são baseados em imagens”, (ii) “nossas imaginações focalizam experiências obtidas através de todos os modos sensoriais” e (iii) o estudo de imagens na linguagem fornece uma base para o exame de uma ampla série de tópicos lingüísticos, que não se restringe apenas “à narração e à linguagem figurada, mas também [engloba] a semântica das palavras e as construções gramaticais, o discurso e até a fonologia”. Palmer (1996, p. 4) considera que estes tópicos lingüísticos “podem ser melhor entendidos em termos de uma única teoria de imagens mentais, culturalmente definidas – uma teoria cultural de significação lingüística”. Tendo em vista os dados analisados nesta investigação, merece ser registrado que gestos, expressões faciais e tons de voz são, muitas vezes, mais

informativos do que construções lingüísticas, visto que a “gramática é um veículo pobre para exprimir os sutis padrões de emoção” (KELLER E KELLER, 1996, p. 118).

Neste trabalho, são investigadas seqüências descritivas que constróem imagens relacionadas com os moradores e visitantes da comunidade de Pedra D’água. Esta comunidade é formada por cerca de quatrocentos habitantes, predominantemente negros e analfabetos, e está localizada no agreste paraibano. Procurarei, neste trabalho, abordar um aspecto bastante significativo na organização da comunidade, enquanto grupo étnico: somando-se à descendência de um mesmo ancestral – Manuel Paulo Grande –, a cor permite aos moradores de Pedra D’água se reconhecerem como “comunidade negra”. Esta identificação ganha maior ênfase quando são vítimas do estigma da cor, já que muitas vezes são proibidos de participar de (ou não são bem-vindos em) festas realizadas nas comunidades circunvizinhas. Em trabalho anterior (DIONÍSIO, 1992, p. 25-26), afirmei que a negritude possui dois aspectos distintos na formação da comunidade. Por um lado, a negritude assegura aos moradores o direito à terra ao procurarem se casar entre os próprios parentes ou com pessoas dos locais circunvizinhos desde que fossem negros, reforçando o controle do lote familiar, reproduzindo e mantendo a estrutura social da comunidade. Por outro lado, a negritude do grupo reflete o estigma sofrido pelos negros em nossa sociedade.<sup>1</sup> O termo “estigma” está aqui empregado na concepção de Goffman (1988, p. 13-15):

referência a um atributo profundamente depreciativo (...) um estigma é então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo. (...) Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. (...) Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social.

## 2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEXTO DESCRITIVO

Dentro da tipologia textual tradicional, a descrição sempre esteve atrelada à narrativa, numa posição de “escrava sempre necessária, mas sempre submissa, jamais emancipada”, como definiu Genette (1996, p. 263, *apud* MARQUESI, 1996, p. 45). Com o desenvolvimento dos estudos sobre a narrativa, alguns pesquisadores começaram a perceber e a investigar particularidades no processo de construção e de compreensão das descrições (HAMON, 1981; ADAM & PETITJEAN, 1982a e 1982b; ADAM, 1987). Somando-se a estes estudos os advenços da Linguística Textual, encontram-se no âmbito nacional os trabalhos de Neis (1986), Koch e Fávero (1987) e Marquesi (1996), que asseguram à descrição o *status* de texto. Todos estes estudos tiveram como foco de análise o texto escrito.

Para Hamon (1981, p. 40), “um sistema descritivo é um jogo de equivalência hierarquizada: equivalência entre uma denominação (uma palavra) e uma expansão (um conjunto de palavras justapostas em lista, ou coordenadas e subordinadas em um texto)”. Desta forma, a existência do sistema descritivo, segundo Hamon (1981, *apud* MARQUESI 1996, p. 53), caracteriza-se como “um processo de pôr em equivalência uma denominação com uma expansão, apelando ao leitor para uma competência de saber”. Esta competência de saber abrange as competências lexical, enciclopédica e a taxionômica dos interlocutores. Adam e Petitjean (1982, *apud* MARQUESI, 1996, p. 94) avançam na definição de competência textual descritiva, conceituando-a como “um saber-fazer-textual-comunicativo do homem”. Há uma competição de competências na construção da descrição, pois a área circunscrita de uma descrição, que depende do acervo lexical do autor/falante, compete com a do leitor/ouvinte e não essencialmente com a natureza do objeto descrito. A construção de imagens se dá mediante esta competição de competências, visto que os envolvidos na interação irão formulando e reformulando as imagens em processamento a partir das sugestões dadas

pelo descritor, do surgimento de novos detalhes, do conhecimento prévio de cada interlocutor, entre outros fatores.

A seqüência prototípica da descrição, proposta por Adam (1993), compreende um tema-título e quatro macrooperações, que são: (a) procedimento de ancoragem, (b) procedimento de aspectualização, (c) procedimento de estabelecimento de relações e (d) processo de encadeamento pela subtematização. São operações de base tanto de produção quanto de compreensão do processo descritivo:

- a. *Procedimento de ancoragem*: ancoragem (anchorage), afetação (affectation) e reformulação (reformulation)

Pela operação de ancoragem – apoio referencial – a seqüência descritiva assinala um tema-título, quer desde o início, *quem/o que vai ser a questão* (o apoio propriamente dito), quer no final da seqüência, *quem/o que acaba de ser a questão* (afetação), ou ainda, combinando essas duas maneiras, retoma modificando o “tema-título” inicial (reformulação). A operação de ancoragem é responsável pela evidência de um todo do tema-título.

- b. *Procedimento de aspectualização*

A operação de aspectualização é responsável pela fragmentação em partes do tema-título, considerando as qualidades ou propriedades do todo (cor, dimensão/tamanho, forma, número etc.), as propriedades das partes focalizadas. É, portanto, a operação mais comumente admitida como base da descrição. Adam (1993, p. 89) lembra que a descrição é formalmente definida como uma “espécie de exposição de diversos aspectos pelos quais podemos considerar uma coisa que conhecemos em parte devido a esta descrição”. Destaca, no entanto, que a mera listagem de aspectos de um determinado objeto consiste no grau zero da descrição, pois nesse caso não se levam em conta qualidades e propriedades do referido objeto. Desta forma, observa-se que a relação de complementaridade existente entre as partes selecionadas para serem

descritas e a escolha das propriedades permite ao descritor estabelecer uma orientação avaliativa (argumentativa) de toda descrição. Como afirmam Koch e Fávero (1987, p. 9),

num *continuum* argumentativo, podem-se localizar textos dotados de maior ou de menor argumentatividade, a qual, porém, não é jamais inexistente: (...) na descrição, selecionam-se os aspectos a serem apresentados de acordo com os objetivos que se têm em mente.

c. *Procedimento de estabelecimento de relações*

O procedimento das relações diz respeito à operação de assimilação, que pode ser comparativa e/ou metafórica. Enquanto o procedimento de *ancoragem* identifica o *todo* que constitui o tema-título, o de *aspectualização* apresenta uma classificação de elementos deste *todo* ou de *partes deste todo* a ser descrita, o das *relações* estabelece as relações (comparativas, metonímicas, metafóricas) entre as propriedades do objeto e uma outra propriedade associada àquelas.

d. *Procedimento de encadeamento pela subtematização*

Adam (1993, p. 93) caracteriza o procedimento de encadeamento pela subtematização como sendo “a fonte de expansão descritiva”, uma vez que faz o encadeamento de uma seqüência a outra. Em outras palavras, “uma parte selecionada na aspectualização pode ser escolhida como base de uma nova seqüência, tomada como um novo tema-título e considerada sob diferentes aspectos: propriedades eventuais e subpartes”. É importante salientar que este aspecto de hierarquização restrita entre as seqüências é que distingue a lista enumerativa da descrição, visto que esta se caracteriza “como um tipo de seqüencialidade regida por diversas operações” (ADAM, 1993, p. 94-95). Apresentarei um exemplo para ilustrar estas operações:

(01)

473. H09 Severino *falava muito pouco*  
474. H03 *num era falava muito pouco*  
475. H09 *moco*  
476. H03 *era mo:co*  
477. M03 *era moco mermo*  
478. H03 *era mo:co ... tinha que gritá ... chamava ele de Zebu ((H9 sorrir)) ah: dona*  
479. Sinhá mermo dona Sinhá só chamava ele de Zebu ...  
dona Sinhá diga a Zebu que  
480. venha cá... aí: batia lá  
481. P01 por que Zebu?  
482. H03 dona Sinhá gostava dele demais  
483. M03 *porque ele era muito forte*  
484. H03 *porque ele era muito forte*  
485. P01 sim  
486. H03 *muito forte... forte e disposto... dona Sinhá gostava muito dele que ele trabalhava*  
487. *muito a dona Sinhá ... trabalhô muito ... era forte e disposto o vei*  
488. M03 era o vei... teu pai... quando o finado () morreu ali na grota de pescoço  
489. quebrado [ ... tu se lembra  
490. H03 [foi:  
491. H03 me lembro ...  
492. M03 Antoin?  
493. H03 meu irmão ... e:[le  
494. M03 [ele tirô de dento da grota e jogô [ ...  
495. H03 [ jogô nas costas [ e trouxe pra cá  
496. M03 [ nas costas e  
497 trouxe sozin ... foi ( )

As predicções arroladas para o tema-título (Severino) pelos três interlocutores (H03, H09 e M03) permitem que sejam operacionalizados os quatro procedimentos acima apresentados. Observa-se que, ao ser mencionado o pai de um dos interlocutores, H09 apresenta ao tema-título (procedimento de ancoragem) duas predicções – *falava muito pouco* e *moco*, traços comportamental e físico (procedimento de aspectualização). Outra informação dada sobre o tema-título é o apelido que lhe foi atribuído pela bisavó de P01: “Zebu” (procedimento de estabelecimento de relações). Ao se solicitar o porquê do apelido, dois falantes se alternam na explicação dos traços positivos que o apelido respalda. Registra-se uma expansão descritiva, pois a definição do tema-título “Zebu” se encontra inserida numa seqüência maior, na qual o termo “Zebu” representava apenas um predicado do tema-título “Severino” (procedimento de encadeamento pela subtematização). Há uma orientação avaliativa no processo de descrição, pois numa escala de valores somam-se predicados positivos na justificativa do apelido, culminado com a narração de um episódio vivido pelo personagem em foco, salientando-lhe a força e a coragem, como se constata nas linhas 488 a 497.

### 3. MORADORES E VISITANTES DA COMUNIDADE: AUTO E HETERO IMAGENS

No caso da comunidade de Pedra D’água,

o peso do estigma vem à tona nos contatos interétnicos, segundo os informantes, em três situações específicas: nas relações matrimoniais, nas realizações de festas em locais vizinhos e também na escolha do santo protetor da comunidade. Até 1991, apenas dois casamentos foram realizados intereticamente, ou seja, dois rapazes negros da comunidade casaram-se com moças brancas das localidades vizinhas. Isto ocorreu há cerca de dez anos e não foi aceito com naturalidade pela família dos brancos. (DIONÍSIO, 1992, p. 28)



O exemplo (02) é uma narrativa em que a informante fala sobre a postura do pai da noiva branca diante do casamento da filha com um rapaz negro da comunidade. Segue o trecho (02):

(02)

434. P02 o povo aqui gosta de falá de de discuti sobre a  
questão da discriminação racial? do
435. preconceito racial que existe contra o negro?
436. M02 ((com o tom da voz e a cabeça baixos)) gosta  
... as vei discute assim... sobre a raça
437. negra cum a branca
438. P02 hum ... aí se reúnem e discutem?
439. M02 é:... otro dia veio um padre aí na igreja... lá em  
cima naquela igrejinha... o pade o padre
440. disse assim: que lá tudo é branco naquela  
igreja... *uns* branco *fêi* ((*sorri*))
441. P02 é a gente viu
442. M04 é mermo
443. P02 é
444. M02 aí o pade chegou conversando dizeno “onde  
mora Jandira?” ... “mora lá embaxo”
445. “aonde é?” mostraro minha casa “ali mora muita  
gente?”... “mora” aí disse: “tudo é
446. moreninho ou tudo é branco?” aí disse “tudo  
moreno” aí po/ ele disse assim: “esses
447. moreno já esses moreno já casou algum moreno  
com branca?”...aí o dono da igreja o
448. rapai o home que mora perto que deu o terreno  
disse “casou casou uma fia minha
449. por causa que ela num toma meus conselho nem  
tem vergonha ... porque negro num
450. pode casá com branco”... aí Possidônio falou  
com o pade sem sabê que era pade (P01 e

451. P02 sorriem) aí disse \* “casou porque num toma meus conselhos se ela tivesse vergonha
452. ... não tinha casado com negro... tá veno que eu não gostei” \* ... olha o pade falô
453. “eu tenho um irmão que é casado com uma negrinha do cabelim enrolado ... cô num:
454. cô num num num tem essas história de cô” ... \* “TEM puque panela procura seus texto” \*
455. ((sorri)) eu num esqueci mar nunca... adepoi foi que o padre conversando aí disse “eu
456. sô o padre” ... sabe onde ele é o pade? de de Itabaiana
457. P02 ele era branco?
458. M02 era e o que vei maisele moreno
459. P02 sim
460. M02 “eu sô o pade de intabaiana vim olhá a igreja ... sabê quem é o padroeiro?” aí o
461. Possidônio ficou sem graça... viu? aí ele entrô na raça negra e raça branca só sei que
462. ele NUNca mai falô de nego e ficô sem graça ... tá o que ele disse

Neste caso, a pesquisadora insere o tópico *discriminação racial* por meio de perguntas fechadas (linhas 434-435, 437). Após afirmar que, às vezes, discutem sobre discriminação racial, M02 passa a narrar uma conversa entre o pai da moça branca e um padre que o visita, sem que aquele saiba que o visitante era um sacerdote. Já no início da narrativa, M02 descreve as famílias brancas que moram na parte alta da comunidade, ou seja, na Pedra D’água branca, como *uns branco fe:i*. Nesta pequena expressão, os três itens lexicais revelam uma avaliação negativa dos vizinhos: o emprego do artigo indefinido *uns* demonstra um processo de referenciação do qual se pode inferir um certo descaso, ou

seja, um menosprezo à família focalizada. O termo *branco* não corrobora com a formação da imagem de uma família X, mas sim com a noção de um grupo de pessoas de cor branca, fato que os distingue dos membros da comunidade. A cor, neste caso, é tomada como parte de um todo, isto é, o tema-título é representado por uma particularidade do todo: a tonalidade da pele representa o homem. Atrelada a esta orientação avaliativa do tema-título, a descritora acrescenta uma qualificação: *fe:i*. A própria seleção do adjetivo já traduz o julgamento negativo da informante, que ganha um reforço com o alongamento da vogal. Intensifica-se, pois, a feiúra dos vizinhos brancos que não aceitam casamentos com os negros da comunidade. O ato de sorrir após a descrição parece exprimir o fim da escala argumentativa existente nesta descrição: a feiúra se torna uma piada (aliás como diz Ziraldo: “na verdade, o humor é uma análise crítica do homem e da vida”<sup>2</sup>).

Os habitantes de Pedra D’água são seguidores da religião católica, por isso foi construída uma igreja para assisti-los. A idéia do bispo da Paraíba, Dom José Maria Pires, era de que a igreja se localizasse na parte plana e central da comunidade, onde há maior concentração de casas. Porém, uma das famílias brancas do local se posicionou contra e transferiu a construção da igreja para suas terras. Para os moradores de Pedra D’água, as terras da referida família ainda pertencem à área da comunidade, mas esta afirmativa é rejeitada pelos membros da tal família. Na inauguração desta igreja, Dom José Maria Pires compareceu e, segundo os depoimentos dos moradores de Pedra D’água, solicitou que a festa fosse realizada na comunidade negra. Abaixo, temos um trecho em que se comenta a visita do bispo à comunidade:

**(03)**

- |      |     |  |
|------|-----|--|
| 616. | P02 | como é o <i>nome do bispo de João Pessoa?</i>    |
| 617. | M02 | como é mãe ... <i>Dom Manoé ... Dom José ...</i> |
| 618. | P02 | ah sim ((exclama)) <i>Dom José Maria Pires</i>   |
| 619. | M02 | é <i>Dom José Maria Pires</i>                    |
| 620. | M01 | aquele que veio aqui                             |

621. M02 o bispo de João Pessoa
622. P02 ele já veio aqui?
623. M02 ói já almoçou aqui na comunidade negra ... ele só queria comida dos negro ... né? aí só sei que Naíde ali ... eu disse Naíde bora botar o almoço ...
624. M01 ele vei aqui pá onde tá eu ...
626. M02 ele rezou tanto pra mãe
627. M01 só foi só foi a casa que ele entrô
628. P02 mas menina ele já veio aqui?
629. M02 foi na inauguração da igreja ... aí veio almoçar com os negro ... pediu manguzá ... aí eu comprei em Campina ... fizemo tanta qualidade de comida ... veio uma moça de fora pra fazer com a gente mai tudo negra ... ele num queria ninguém branco
631. P02 por quê?
632. M02 num sei ... ele disse que era preto ((risos)) [ aí disse que tava na comunidade negra ... e [ele disse isso foi
635. M02 queria comê na casa dos negro ... mas dero ... fizeram um presente ... umas nêga fez um presente muito bonito ... uma toalha de labirinto pro altá ... fez aquele negócio que bota assim na frente uma túnica bem bonita de labirinto
637. P02 deram de presente a ele?
638. M02 tudo de labirinto pra dá pra ele ... jereré ... botemo tanto presente foi uma coisa linda uma estola ...
641. M01 foi ... as nêga fizeram jereré ... otas fizeram panelinha de barro pra levar que ele pediu ...

643.                   isso tudo dos nego ... branco nada ... aí fez uma festa
644.           P02    ele é negro?
645.           M02    é ... *morenã* ... *chega o cabelim é mesmo que espim* ((risos))
646.           P02    sim ... e ele ... o que é jereré ... se tava falando em jereré
647.           M02    de pescar
648.           P02    sim aquele negócio que você falou no início da tarde né ... que tem uma moça que faz
649.           M02    tem um que eu fiz ... mas o meu eu faço de pano ... as menina faz de fio
650.           P02    ele só veio aqui uma vez?
651.           M02    só vei uma vez ... só uma
652.           P02    gostaram dele?
653.           M02    ave-maria ah ... gostemos demais
654.           M01    *tão decente*
655.           P02    e é né? ele é moço ainda é?
656.           M02    *é moço ainda ... ele é quiném Zito marido de Isaura ... mais veinho pouca coisa ... esse*
657.                   povo assim que num trabaia sempre no só é ... às vei é bem veião mas se torna bem
658.                   novinho ... ele vei aqui ele e os padre da África ... os padre *tão alto no mundo* ... na França
659.           P02    alto?
660.           M02    sim ... cada um padre
661.           M01    *deste tamanho mia fia o pé ((demonstra com as mãos o tamanho dos pés dos padres))*
662.           P02    os padre da França?
663.           M02    sim ... aí “bem vamo fazer uma ceia na casa de Jandira que a casa é grande” ...

Inicialmente, temos a designação do tema-título – Dom José Maria Pires – cujos aspectos descritos se referem à(ao):

- a) profissão: *o bispo de João Pessoa* (616);
- b) cor: *é ... morenã* (645);
- c) cabelo: *... chega o cabelim é mesmo que espim ((risos))* (645);
- d) conduta: *tão decente* (654);
- e) idade: *é moço ainda ... ele é quiném Zito ... marido de Isaura ... mais veinho pouca coisa* (656).

É interessante observar que ao bispo paraibano não é atribuída a qualificação de “negro”, mesmo que a informante se identifique como pertencente ao grupo negro e mencione o fato de o referido bispo desejar fazer as refeições com os negros: *almoçou aqui na comunidade negra... ele só queria comida dos negro...né?*, linha 623. Ao responder à P02 se o bispo é negro, M02 o define como *morenã*, linhas 644-645. Apesar do emprego do sufixo derivacional de grau aumentativo *-ã*, a seleção deste termo parece traduzir um branqueamento do bispo, que é negro. Mas a própria descritora reforça a negritude ao descrever o cabelo do bispo, relacionando o fio do cabelo com um espinho, ou seja, a imagem construída é que o fio do cabelo é tão duro que chega a espetar: *chega o cabelim é mesmo que espim*. Mesmo recorrendo ao sufixo derivacional de diminutivo (im) *-inho*, não consegue atenuar a associação entre o espinho e o tipo de cabelo. Quanto à idade do bispo, M02 assegura, na linha 656, que ele é moço ainda – *é moço ainda* –, num processo de comparação com um outro membro da comunidade – *ele é quiném Zito ... marido de Isaura ... mais veinho pouca coisa* –, mas também ressalta que pode estar enganada, visto que as pessoas que não trabalham expostas ao sol, como os moradores de Pedra D’água, parecem ser sempre mais jovens: *esse povo assim que num trabaia sempre no só é...às vei é bem veião mas se torna bem novinho* (linha 657).

Um outro tema-título surge ainda nesta conversa – os padres da África – e os aspectos focalizados são aqueles que mais chamaram a atenção da informante:

- a) altura: *os padre tão alto no mundo* (linha 658);  
b) pé: *deste tamanho mia fia o pé ((demonstra com as mãos o tamanho dos pés dos padres))* (linha 661).

Uma das pesquisadoras solicita que falem sobre o Frei Divino, seminarista que trabalhou por mais de dois anos na comunidade. Desenvolve-se, assim, a conversa:

(04)

372. P02 me fala um pouquinho de Divino  
373. M02 ((rir)) tu já conhece ele?  
374. P02 não... ouvi falar dele  
375. M04 ouviu falar né?  
376. M02 ele se encontrô muito com a gente tem muito encontro muita reunião muitas coisa ele  
377. fez com a gente  
378. P02 diz que ele era *muito danado né? assim nas reunião* ele...  
379. M02 é hum ((exclama)) *exigente que é medóin* ele  
380. passou a semana santa com a gente o ano passado fazendo com a gente programação da semana santa fumo pra Igreja  
381. passamo até umas 11:30 lá com eles fez muitas coisa bonita pra gente vê  
382. P02 ele trabalhou muito tempo com vocês assim mais de um ano?  
383. M02 trabalhou mais de ano  
384. M04 mais de ano bem dois ano ou mais num foi Moça?  
385. M02 foi fazia pastoral aqui depois ele saiu  
386. M04 *ele era sem saúde ficou doente também*  
387. M02 foi aí ficou Gregório  
388. P02 aí agora ele que adoeceu saiu né

389. M02 ele foi embora pra terra dele num foi madrinha  
 390. M04 foi agora só vem aqui daqui há três ano ou quatro  
 se ficar bom  
 391. P02 foi? *ele é moço ainda é?*  
 392. M02 *é mocim ele cumo faz ele como as pessoa da  
 África pretim até a mão dele é preta*  
 393. P02 *ele é preto é?*  
 394. M02 *é até a maõzinha roxinha até a língua  
 ((risos))*  
 395. M04 *mas é um preto estudado um preto né? ele é  
 muito simpático ele uma pessoa muito  
 legal Divino*  
 396.

Extraindo apenas as seqüências que revelam a descrição do seminarista Divino, podem ser enumerados os seguintes aspectos:

- a) exigente: *diz que ele era muito danado né? assim nas reunião ele... (linha 378); é hum ((exclama)) exigente que é medóin (linha 379);*
- b) saúde: *ele era sem saúde ficou doente também (linha 386);*
- c) idade: *é mocim ele (linha 392);*
- d) cor: *cumo faz ele como as pessoa da África pretim (linha 392);*
- e) mão: *até a mão dele é preta, é até a maõzinha roxinha (linha 392);*
- f) língua: *roxinha até a língua ((risos)) (linha 392);*
- g) grau de instrução: *mas é um preto estudado um preto né? (linha 395);*
- h) simpatia: *ele é muito simpático ele uma pessoa muito legal Divino (linhas 395-396);*

Dois informantes constroem a imagem do seminarista, sendo que uma (M02) aborda aspectos relacionados ao caráter exigente, à idade e



à cor, enquanto a outra (M04) aponta traços referentes à saúde, ao grau de instrução e à simpatia. Aparentemente parece haver uma simples distribuição de tarefas entre duas falantes que conheciam a pessoa que era o tema-título da descrição neste trecho da conversa. No entanto, observando o processo de construção da interação, é possível afirmar que duas imagens distintas foram sugeridas. A imagem produzida por M02 sugere um seminarista *jovem, exigente, negro, tão negro que a mão e a língua eram roxas*. Parece que o destaque dado à negritude do seminarista não agradou à outra informante – M04 – que passa a apresentar argumentos visando mostrar que ele era um *preto diferente*, ou seja, era *estudado, muito simpático e uma pessoa muito legal*. A apresentação do seminarista como um negro parece ter sido considerada por M04 como uma imagem socialmente negativa, daí a necessidade de contrapor a estes traços negativos os valores que o diferenciam dos outros negros numa atitude, que se poderia dizer, de branqueamento.

A conversa continua (exemplo 05) com a indagação de P02 sobre a cor dos demais seminaristas, quando M02 afirma, sorrindo, que havia de *todas as cores*, informação que a outra pesquisadora traduz, também sorrindo, como *verde, amarelo e azul*. Vejamos o exemplo (05):

(05)

397. P02 e os outros seminaristas são pretos ou são brancos?
398. M02 *tem de todas as cores ((riem))*
399. P01 *verde amarelo azul ((riem))*
400. P02 *mas dos que vem mais praqui dos que vem trabalhar com vocês?*
401. M02 *são moreno só tinha um branco um tal de: aquele só tinha um que era branco mai o*
402. *resto tudo moreninho... esse pretinho mermo e os ôto cô-de-canela e tinha um branco*
403. *Orlando era branco*

Devido à insistência de P02, M02 afirma que eram morenos, com exceção de um deles que era branco. Observando as linhas 401 a 403 do trecho abaixo citado, é interessante examinar as construções que se referem ao único seminarista branco (*só tinha um branco um tal de: aquele só tinha um que era branco*) e as que se referem aos demais seminaristas negros (*o resto tudo moreninho esse pretinho mermo e os ôto cô-de-canela*). A expressão *um tal de* carrega uma certa indiferença e menosprezo. O alongamento da vogal intensifica estes aspectos. Por outro lado, *moreninho* e *pretinho* são expressões que traduzem afeto, simpatia, enquanto a atribuição *cor de canela* a alguém significa não incluí-lo entre os negros.

Verifica-se, portanto, que o ato de descrever traz imbricada a natureza argumentativa inerente à linguagem humana. Um dos procedimentos do ato de descrever, isto é, a aspectualização, revela na escolha das partes e das propriedades descritas, nas escolhas lexicais, a orientação avaliativa empreendida pelo descritor. Procurei salientar não o preconceito incontestavelmente sofrido por eles, mas um aspecto que me chamou bastante a atenção: ao descreverem outros negros e os vizinhos brancos, os informantes apresentavam marcas discursivas reveladoras de preconceito, como se verificou nos exemplos (03), (04) e (05). Termos como *moreninho*, *pretinho*, *cor de canela* traduzem afeto, carinho, simpatia e até exclusão da raça negra. Por outro lado, expressões como *uns branco fe:i ou um tal de* estão carregadas de menosprezo, apatia, depreciando assim o ser descrito, enquanto expressões como *morenãõ*, *cabelim é mesmo que espim*, *até a mãozinha roxinha*, *roxinha até a língua* empregadas em relação ao indivíduo negro *de fora* da comunidade, ao mesmo tempo em que assinalam traços da raça negra, procuram também amenizar a negritude através de recursos morfológicos da língua. A escolha lexical dos falantes repercute, portanto, seus objetivos com a descrição, suas crenças e sua consciência do papel dos interlocutores.

#### ABSTRACT

This paper analyzes the construction of image in descriptive sequences produced by non-literate speakers in spontaneous face to face interactions. Based on *image* conception (PALMER, 1996) and *descriptive sequences* conception (ADAM, 1993), it investigates how linguistics constructions evoke mental images and how the speakers translate these images in the lexical choices.

KEY WORDS: Descriptive procedures, lexical choice, linguistics.

---

#### NOTAS

1. Não cabe, neste trabalho, discutir as causas do preconceito racial em nosso país, mas gostaria de mencionar um comentário de Azevedo (1987, p. 48-49): os negros foram preservados como “exemplos de resistência e heroísmo, de dignidade e de coragem. Mas também... preservados com cicatrizes que desfiguram a percepção integral do valor do eu”. (...) Das conseqüências da escravatura não temos dúvida que, pior que a pobreza, a miséria, o analfabetismo, a marginalização e a doença, é... a perda da autovisão de valor. (...) Sem reconhecer-se fruto histórico de uma marginalização perversa, o negro assumiu ‘o seu lugar’ no mundo dominado pelos brancos”.
2. Ziraldo, em entrevista publicada na revista *Veja*, de 31/12/69. *Apud* Soares e Campos (1978, p. 159).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J. M. Approche linguistique de la séquence descriptive. *Pratiques*, 55, 1987, p. 3-26.
- \_\_\_\_\_. *Éléments de linguistique textuelle: théorie et pratique de l'analyse textuelle*. Liège: Mardaga, 1990.

\_\_\_\_\_. *Les Textes: types et prototypes*. Récit, description, argumentation et dialogue. Paris: Nathan, 1993.

ADAM, J. M. & PETITJEAN. Introduction au type descriptif. *Pratiques*, 34, 1982a, p. 77-92.

\_\_\_\_\_. Les enjeux textuels de la description. *Pratiques*, 34, 1982b, p. 93-117.

AZEVEDO, E. *Raça: conceito e preconceito*. São Paulo: Ática, 1987.

DIONÍSIO, A. *A interação em narrativas orais*. Recife: UFPE, 1992. Dissertação de mestrado.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade*. 1988.

HAMON, P. *Introduction à analyse du descriptif*. Paris: Hachette, 1981.

KELLER, M. C., KELLER, J. D. Imaging in iron, or thought is not inner speech. In: J. GUMPERZ, S. LEVINSON (Orgs.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p.115-129.

KOCH, I., FÁVERO, L. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*, 3, 1987, p. 3-10.

KOCH, I. 1997. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. *Sistema mínimo de notações reelaborado para as transcrições do projeto sobre a hesitação na língua falada*. Recife, 1993. (Mimeo).

\_\_\_\_\_. *Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais*. Recife, 1987. (Mimeo).

MARQUESI, S. *A organização do texto descritivo em língua portuguesa*. São Paulo: Vozes, 1996.

NEIS, I. A. Elemento de tipologia do texto descritivo. In: FÁVERO L. L. e PASCHOAL, M. S. Z. (Orgs.). *Linguística textual: texto e leitura*, Cadernos PUC, 22, 1985, p. 47-63.

PALMER, G. B. *Toward a theory of cultural linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1996.

PETITJEAN, A. Fonctions et fonctionnements des descriptions dans l'écriture réaliste: l'exemple des paysages. *Pratiques*, 55, 1987, p. 61-87.

SOARES, M., CAMPOS, E. *Técnicas de redação*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1978.